

## O ambiente em primeira pessoa: Crônicas ao cotidiano.

Yan Leite Chaparro<sup>1</sup>  
Josemar de Campos Maciel<sup>2</sup>

**Resumo:** O ensaio que segue é parte de um projeto mais amplo, denominado “O ambiente que sou eu: um ensaio Heurístico em Psicologia Ambiental”. O artigo narra a constituição de um processo em que trinta e uma crônicas foram escritas para dar sustentação a uma discussão no campo da psicologia ambiental. Esse processo, posicionado no interior de uma discussão qualitativa, tenta promover ou ao menos explicitar um diálogo entre fenômeno e pesquisador, entre o assim chamado método Heurístico e a discussão da Psicologia Ambiental. Assim, o texto discute a idéia de que é necessário um processo interno de tomada de consciência em que o ser humano se percebe como parte do ambiente, antes de poder posicionar-se teoricamente em relação a um fenômeno que, antes de ser descrito com imparcialidade, deve ser entendido em seu contexto ético-político – ou seja, de experiência, posição e – somente então, atuação subjetiva.

**Palavras-chave:** Método Heurístico, Psicologia Ambiental, Subjetividade.

**Abstract:** The following essay is part of a wider project named “the environment that I am: a heuristic essay in environmental psychology”. It narrates the constitution of a process in which thirty one chronicles were produced to foster a discussion in the field of environmental psychology. This process, positioned inside a qualitative discussion, tries to promote or render explicit a dialogue between phenomenon and researcher, between the heuristic method and environmental psychology. Thus, the text discusses the idea that it is necessary a process of internal insight to promote the awareness that the human being is, herself, part of the environment, before she can take a theoretical stand *vis-à-vis* a phenomenon. This phenomenon – the environment -, before it can be described impartially, must be understood inside an ethicopolitical framework – that is, as experience, as position, and then, as subjectively informed action.

**Keywords:** Heuristic method, Environmental Psychology, Subjectivity.

*“Reconhecer a iminência dos insetos leva à sabedoria”*<sup>3</sup>  
Manoel de Barros, 2005.

---

<sup>1</sup> Psicólogo, Mestrando do Programa de Pós-graduação de Desenvolvimento Local – Professor da Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS. E-mail [yanchaparro@gmail.com](mailto:yanchaparro@gmail.com). Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, do mestrado em Desenvolvimento Local – UCDB. Orientador do TCC – O Ambiente que Sou Eu: Um Ensaio Heurístico em Psicologia Ambiental. Email: [maciel50334@yahoo.com.br](mailto:maciel50334@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Retirado do livro “Tratado Geral Das Grandezas Do infinito” ano 2005

## **Introdução.**

As perguntas do outro instigam aflições no contexto das relações interpessoais. Ao mesmo tempo, aparecem perguntas próprias, que vão se acumulando acontecem no fenômeno de habitar (MERLEAU-PONTY, 1969), do cotidiano (CERTEAU, 1994) junto ao outro, ou melhor, na complexa teia estabelecida na relação Eu-Tu (BUBER, 2004). No seio de um contexto relacional aparece a necessidade de compreender – e não apenas explicar - como se constitui a gênese do espaço que se vive, que permite e sustenta o ato de respirar.

Uma crônica é entendida, no interior deste trabalho, como a expressão literária livre de sentimentos e impressões subjetivas, sem o objetivo de construir uma obra artística, mas tentando utilizar a experiência estética como veículo de construção da sensibilidade e do olhar qualitativo, capaz de ver o fenômeno estudado como que “de dentro” (MOUSTAKAS, 1961). Construída na consciência vivida, a crônica se transforma em matéria-prima capaz de evidenciar os movimentos subjetivos que envolvem a relação pessoa-ambiente, compreensão que acontece a partir da experiência de primeira-pessoa. A Crônica aparece, em primeiro lugar, como simples experimento, ou relato de campo, e aos poucos vai se tornando um material simultaneamente denso, sujo e humano, pois cada crônica permite a composição de busca ao entendimento do fenômeno do ambiente, quando os olhos reconhecem o fora (externo a si), e se voltam para dentro, para o ser humano, para o movimento de subjetividade, instante em que o “fora” fala diferente no “dentro”.

As crônicas iniciam um trabalho de entrelaçamento entre uma discussão metodológica, que inicia no método heurístico de Clark Moustakas (1961), trazendo para a psicologia ambiental tanto a discussão em primeira pessoa, e proposta de que o material de campo deve ser elaborado pela pessoa que pesquisa enquanto material próprio, sem uma excessiva distância, mas também sem esquecer a necessidade de buscar, na categoria da pesquisa enquanto tal, um diálogo (BUBER, 2004), uma compreensão do ambiente a partir da categoria da sensibilidade (MERLEAU-PONTY, 1969), da abertura fundamental para o outro enquanto diferente (PEIRANO, 1999), permitindo assim a discussão ambiental num patamar de subjetividade (signos, significados, símbolos, desejo, imaginário e mitos)

O artigo toma corpo, então, como tentativa de revelar o processo de existência do estudo em psicologia ambiental, sustentado pelo método Heurístico, tendo o formato de crônicas, e alimentado por discussões, ou melhor, anotações que trazem o aparato teórico e pessoal que foram vividos para a construção de cada crônica, como um guia explicativo para o leitor.

### **Alguns aspectos teóricos.**

A psicologia não está só nas discussões sobre ambiente, que privilegiam um amplo diálogo entre muitos troncos de disciplinas. junto a ela aparecem economia, geografia, biologia, ecologia, filosofia, as ciências sociais, arquitetura e as engenharias, formando uma complexa rede. Quando o ambiente é posto em questão, cada passo precisa de muito cuidado, pois é preciso construir um ambiente teórico - pratico em ciência, que fale a língua ambiental (lugar, comunidade, ato e pessoa), para cuidar do ambiente vivido. Segundo Gabriel Moser (2007), “A Psicologia Ambiental estuda a pessoa em seu contexto, tendo como tema central as inter-relações e não somente as relações – entre a pessoa e o meio ambiente físico e social”.

Moser fala de uma psicologia ambiental que estuda a pessoa no seu contexto, este que traz na sua construção o entender do espaço e do tempo, como campo importante a ser estudado, juntamente com a rede de significados que se formam para a relação pessoa-ambiente. Moser fala de uma psicologia ambiental que não é somente uma parte da psicologia, pois ela contribui para a construção de novos conceitos, inteiros horizontes de pensamento da realidade, formando conceitos próprios, diferenciando-se da psicologia como um estudo do social ou do desenvolvimento, e também se articula com outras cadeiras científicas a todo instante, como a geografia, história e filosofia, pois o fenômeno ambiente exige esta complexa articulação (2007).

Daí que pensadores como Enrique Leff (2001) vão trazer para a agenda da discussão da formação científica – e não apenas da prática investigativa em sentido estrito, a urgência e a possibilidade de uma epistemologia ambiental (2001). Já a própria escolha, ou retorno, ao termo *epistemologia* já faz entrever o complexo revelado pela discussão ambiental, pois a realidade permite pensar e viver um saber ambiental: o autor afirma que “o saber ambiental problematiza o conhecimento” (p.163). Para isso existe a necessidade da construção de novos conhecimentos para o ambiente; junto a este, ele insiste que a idéia não é formar um conhecimento onicompreensivo (LEFF, 2001), mas

formar novos saberes ambientais, respeitando cada ciência que está contida nessa engrenagem líquida, e que cada ciência tenha sua condição de responsabilidade.

Segundo ele,

“[A] produção do saber ambiental é, pois, um processo estratégico, atravessado por relações de poder. As transformações do conhecimento induzidas pela problemática ambiental dependem das condições de assimilação do saber ambiental dentro dos paradigmas legitimados do conhecimento, da emergência de novos conceitos e métodos das disciplinas ambientais.” (LEFF, 2001).

Revela-se um complexo tecido que absorve em sua textura tanto o pensamento quanto o viver ambiental, que traz na sua natureza a mudança de técnicas e teorias para o encontro sincero com a linguagem do ambiente como fenômeno. Cada conhecimento científico fundamentado por seus rigores metodológicos é neste instante questionado quando se tenta analisar e compreender a questão ambiental. Leff (2001) julga cada ponto energético das ciências humanas e biológicas na tentativa de encontrar o que é interessante ou não para o saber ambiental (2001).

O trabalho exposto aqui traz a psicologia ambiental, à um patamar sensível (LEVINAS, 1993), e busca este saber ambiental (LEFF, 2001), quando retrata um estudo em primeira-pessoa, quando olha para si e ao outro, o que é ambiente. A questão ambiental traz de novo à mente dos leitores e interessados, o tema do encontro tematizado por Buber (2004), sobretudo no que toca à relação entre o encontro possível entre seres humanos que se respeitam - como um tu, como um interlocutor não objetivado, portador de uma fala própria, de iniciativa e do mistério abissal da liberdade - e o encontro negado entre seres humanos que se objetivizam - relação "eu-isso - à luz dessa primeira visão, o encontro aparece como ponto de apoio principal para tornar possível o conhecimento e a experiência do real. Só que esse encontro, precisa ainda ser complementado pelos temas da sensibilidade (LÉVINAS, 1993), que não aparece simplesmente por um coração romântico, mas se desdobra na ambiguidade inerente à experiência da vida humana como fenômeno intersubjetivo, marcado pela expectativa da iniciativa alheia em cada ato de comunicação e de “ambientação” Pensar o ambiente é pensar também sucessivas camadas de construção de um meio nutriz para que a convivência consigo e com outros vá aos poucos se tornando possível.

A inclusão da narrativa da arte no interior de um trabalho científico abre as vísceras do processo e produz uma teoria viscosa, lubrificante mas arriscada, que se impregna na substância do narrar, moldando sua face, muitas vezes conturbada e suja,

pois o subjetivo no mundo aparece como fenômeno de emaranhados. A composição teórica permite o diálogo com autores que formam uma complexa rede, para entender a subjetividade na relação pessoa-ambiente – ou ao menos um pouco dela e de seus vestígios. E neste esquema estético cada crônica é definida, discutida e gerada como material de análise científica, pois o método de trabalho revela a complexidade vivida como construção de uma linguagem “adestrada” (ciência), quando acontece a possibilidade de dizer sobre subjetividade a partir da psicologia e da arte, movida pelo método Heurístico.

As crônicas discutem fenômenos como ética, corpo, violência, consumo, lixo, mitos urbanos, fenômeno de coisa, cidade, natureza e relação interpessoal. As discussões de autores como Herbert Marcuse, Maurice Merleau-Ponty, Emmanuel Lévinas, Enrique Leff e Michel de Certeau, aparecem entrelaçadas com várias questões que sua leitura permitiu: o fenômeno aparece no início para depois iniciar a busca de autores na tentativa de explicar o fenômeno vivido, junto à própria experiência, concretizando assim as crônicas.

### **Sobre a sensibilidade.**

A sensibilidade é o horizonte inicial de todo o estudo, pois é a partir deste fenômeno humano que se concretizou a interação com o sujeito de estudo, e a formação de todas as buscas por respostas, pois cada elemento discutido como, corpo, consumo, ética, violência e significado, tem sua origem na sensibilidade como instrumento de compreensão da subjetividade experimentada no fenômeno pessoa-ambiente.

Maurice Merleau-Ponty afirma que:

“Visível e móvel, meu corpo conta-se entre outras coisas, é uma delas, está preso no tecido do mundo, e sua coesão é a de uma coisa. Mas, dado que vê e se move, ele mantém as coisas em círculo a seu redor, elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas em sua carne, fazem parte de sua definição plena...”. (O Olho e o Espírito, 1969).

Merleau-Ponty projeta uma ciência fenomenológica encarnada, que tem o corpo como expressão dos fenômenos de cada dia no ser humano. O corpo é a confirmação da sensibilidade humana - ele é espírito, carne e ato, pois é nele que vemos o ser humano junto à experiência ser-mundo, sem a divisão mente e corpo, mas

compreendendo o seu todo. Corpo aqui é a pessoa, suas sensações, seus desejos, sua cultura, seu social e sua política e outros componentes que formam este tecido delicado.

A sensibilidade traz para a ciência o material do encontro com o outro, sendo que neste estudo o outro aparece como um feixe de fenômenos da subjetividade que aparece na relação pessoa-ambiente, fenômenos que são percebidos conscientemente a todo instante na experiência pesquisador-campo. Um estudioso de Merleau-Ponty afirma que “... o olhar, que nos cientistas é voltado para o objeto, se volte para o espírito que constrói seus objetos de ciência” (MOUTINHO, 2004), trazendo a afirmação de que o olhar daquele que pesquisa deve voltar para a complexidade de como se forma. Este fenômeno é reconhecido no método Heurístico (1961), de Moustakas, quando é conhecido que para a formação de um estudo baseado neste método, se deve compreender a posição sensível (LÉVINAS, 1993; MERLEAU-PONTY, 1969), que transita na existência formada entre pesquisador e objeto pesquisado.

Merleau-Ponty fala sobre habitar (1969), que se refere a quando o pesquisador vivencia seu objeto na experiência do mundo, pois reconhece que seu objeto não está aquém, mas está ao lado, dentro, e não se prevalece de instrumentos anteriores à pesquisa para capturar o objeto. Sendo assim não tende a manipulá-lo, pois a pesquisa acontece na experiência vivida. Uma estudiosa de Merleau-Ponty diz que:

“Nossas experiências constituem a fonte de todo o conhecimento, sendo este adquirido no próprio mundo, um mundo que existe ao nosso redor e que só passa a existir efetivamente para nós quando lhe atribuímos um sentido” (Moreira, 1997).

A experiência no mundo constrói o estudo, pois o conhecimento de ambiente acontece quando o pesquisador inicia a sua percepção do ambiente na sua história de vida, na problemática vivida ambiental e na sua percepção diária do que seria ambiente, como pergunta central de todo o trabalho. A constituição de uma ciência que estuda o fenômeno humano, sendo aqui o ambiente, se torna real quando é entendido que toda forma de conhecimento se dá pela experiência no mundo e para o mundo, e como foi dito o mundo só é vivo quando um sentido é dado a ele, sentido (MERLEAU-PONTY, 1999), que é aquilo que constrói a forma de existir, sendo ética. Moreira também afirma que “... onde sujeito e objeto se inter-relacionam no processo de conhecimento” (MOREIRA, 1997), referindo a formação dialógica (BUBER, 2004) do fenômeno que se movimentar no mundo.

Buber é outro autor importante no contexto da construção deste trabalho, enquanto traz o encontro e o diálogo (BUBER, 2004), como pontos fundamentais para a formação do mundo, já mesmo enquanto idéia. A relação Eu e Tu acontece no patamar anterior à construção do pesquisador e de sujeitos de estudo, pois aqui se concretiza a experiência de conhecer o fenômeno naquele que pesquisa, para assim detalhar cada instante líquido vivido na maneira mais sincera, pois ao trazer um método de estudo que tem na sua formação, a própria formação do sujeito, significa buscar uma maior sinceridade quando se encontra com as respostas da pesquisa.

O termo sensibilidade como instrumento de pesquisa é compreendido nos escritos de Merleau-Ponty (1999) e Buber (2004), e também no escrito de Lévinas (1993), que também constrói um estudo para a reconstrução de um mundo destruído pela guerra. Em Lévinas se entende a sensibilidade como algo que encontra o fenômeno antes dele ser contaminado pela cultura, ele diz que:

“A nudez do rosto é um despojamento sem nenhum ornamento cultural – uma absolução (absolution) – um desprendimento de uma forma no seio da produção da forma”. (Lévinas, 1993).

O que é dito como nudez, se pode entender como sendo aquilo que está antes (LÉVINAS, 1993), o que acontece no instante primordial de contato do eu com o mundo. Sendo assim, é a própria experiência sensível que dá sentido às coisas do mundo. É quando ele não é uma forma conhecida, mas esta para construir algo conhecido para o mundo, se desprende para se prender na construção de algo. A sensibilidade se move neste entendimento, pois encontra o que não tem forma, no âmago da forma, e com a experiência ele vai entendendo e incorporando uma nova forma, sendo este novo, é a compreensão de um fenômeno da realidade. Ele é conhecimento humano, não está pronto à vista de qualquer cultura, pois é no desprendimento da cultura que ele busca conhecer a própria, podendo assim traçar termos que modificam a mesma.

Lévinas diz que “O desejo do outro, que nós vivemos na mais banal experiência social, é o movimento fundamental, puro, a orientação absoluta, o sentido.” (LÉVINAS, 1993, pág. 57). A busca pela sensibilidade começa nesta experiência banal reportada por Lévinas, pois é no instante em que se busca o outro, que se tem desejo por este, que se inicia todo o complexo de pesquisa, e se inicia a experiência sensível de viver o sujeito de pesquisa. O sentido, última palavra da citação acima, é um ponto importante, junto ao Eu e Tu (2004) de Buber. Esta pureza incitada por Lévinas, é o desejo de viver e

estar com o outro, na possibilidade de se assumir no outro, como experiência de estudo. O desejo exposto por Lévinas explica muito como a sensibilidade aparece neste trabalho, pois no instante que o pesquisador traça sua experiência com o outro reconhecendo outra personalidade em si própria, ele entra num jogo complexo e denso, pois este outro está na experiência total daquele que estuda.

O método Heurístico (1961), de Moustakas fecha esta rede complexa, que tem o objetivo de incluir a sensibilidade como instrumento de pesquisa. Moustakas (1961) constrói seu método a partir da experiência sensível, quando vive um momento de choque, e vê situações desagradáveis com sua filha, a partir do que constrói um estudo que reflete a partir da problemática que ele vivenciou. O método de Moustakas (1961) se mostra singular quando traz a sensibilidade como ponto de compreensão e vivência do sujeito, quando a experiência do próprio pesquisador se envolve como sujeito de pesquisa, pois esta primeira-pessoa também é material de pesquisa. O Método Heurístico é encontrado sua concretização inteira quando o pesquisador define como material em ciência, uma expressão artística, no caso aqui, as crônicas.

Lévinas (1993) afirma que a significação, antes de outras importantes esferas, como a da Cultura ou da Estética, “situa-se na Ética, pressuposto de toda Cultura e de toda significação”. (p.67). Neste estudo a sensibilidade destacada é uma busca pela ética, que é e faz o encontro no instante em que percebe que a reflexão sobre o agir aparece a partir da construção da sensibilidade, pois é a partir dela que se inicia a construção da cultura, dos significados que a pessoa leva junto ao mundo para sobreviver, e que se articula com o universo do simbólico e do mito (ELIADE, 2000). Este é um dos motivos por que a sensibilidade aparece como instrumento de pesquisa, pois compreende na própria sensibilidade a construção ética.

### **As crônicas: um dizer sobre sua existência.**

No trabalho de pesquisa em questão, as crônicas apareceram, nos seus primeiros momentos, como ferramentas de um diário de campo, e aos poucos foram se incorporando aos conteúdos de dizeres teóricos, encontrando em seu processo um corpo mais rebuscada, e permitindo a composição delicada de um tecido trançado pela teoria e pela prática.

O poeta Manoel de Barros diz que:

“Mas o menino afirmou que o vento tinha organismo.



E continuou a apertar parafuso no vento.” (2005, p. 25)

O menino reconhece um vento orgânico, vivo, que possui em seu simbolismo latente a composição de vida, de algo que se pode compreender e se movimentar ao mesmo tempo. A composição metodológica no processo de construção das crônicas observou parafusos num mundo abstrato e que se dilui na experiência da primeira-pessoa. O campo de pesquisa foram três, as oficinas de sensibilização ambiental na Ong Casa de Ensaio, um estudo etnográfico no pátio da Escola CNEC e oficinas de sensibilização ambiental na mesma, e o viver cotidiano (CERTEAU, 1993). Tratou-se de lugares em que o contexto geral favorecia a liberdade e a invenção, tornando assim possível perguntar o que é ambiente, discutir sobre o mesmo, explicitando a partir daí muitos fenômenos latentes ou silenciados.

Foram desenvolvidas trinta e duas oficinas ao todo, e foi possível permanecer no pátio da escola por oito meses. A partir das observações do pátio foi possível refletir sobre o ambiente com as crianças, através de brincadeiras, desenhos, pinturas e atividades com massa de modelar. Quando um pesquisador pergunta ao mundo, procura na verdade respostas que estão nos outros como resposta a um ambiente que pervade ambos, mas que se encontra já dado na experiência subjetiva de quem está perguntando. As crônicas são uma forma de expressão que foi acontecendo nesse entrelace, quando as respostas do outro instigam a escrita ao cotidiano, sobre ele próprio, na tentativa de compreender e explicar a questão ambiental.

O método Heurístico é a possibilidade de formação de um pesquisador artista, e encontra na sua concepção e ação de método a própria discussão da subjetividade, ou melhor, na discussão do próprio método é vivido o subjetivo, pois o humano está ali de propósito. As crônicas aparecem como expressão na fala de Bachelard (2000):

“O geógrafo, etnógrafo podem descrever os mais variados tipos de habitação. Sobre essa variedade, o fenomenológico faz o esforço necessário para compreender o germe da felicidade central” (p.24, 2000).

As crônicas aparecem aqui como expressão e como material artístico, este que tem sua gênese no encontro (2004), defendido por Martin Buber, quando traz a relação Eu e Tu à tona no mundo real. Sendo assim a articulação de cada crônica revela a relação íntima existente entre o pesquisador e o objeto-sujeito de pesquisa. O encontro

citado aqui acontece de forma sensível, como lembra Lévinas (1993), quando discute a relação eu-mundo articulada a partir do conhecimento do antes, pois sendo assim a categoria do sensível constrói uma relação íntima com o que está no interior, ou aquilo que proporciona o ato de criação, a origem.

O encontro com o objeto a partir da categoria do sensível proporciona por assim dizer, a possibilidade de habitar o objeto de pesquisa, que é o cotidiano. O termo habitar, desenvolvido pelo filósofo Maurice Merleau-Ponty (1969), traz a possibilidade humana de vivenciar o objeto, não analisar a distância, mas sim vivenciá-lo na sua forma mais natural. Ele habita a casa, não a deixa de fora.

Cada crônica é mantida pela articulação entre a sensibilidade e o conhecimento teórico, em relação ao que estuda. Sensibilidade (1961) é a categoria de pesquisa utilizada por Clark Moustakas (1961), quando traz o objeto de pesquisa para a discussão inicial em primeira pessoa, para depois devolver a realidade, construindo um conteúdo de discussão científica, por um emaranhado de real-imaginário. A sensibilidade é a confirmação final de como é construída cada crônica, pois ela se mostra como desenvolvimento do encontro de Buber (2004), do sensível de Lévinas (1993) e do habitar de Merleau-Ponty (1969), pois traz os três termos na sua natureza existencial. A sensibilidade é a vertente espinhal do método de pesquisa Heurístico, quando traz a produção de um material artístico como conclusão de um estudo científico, como as crônicas aqui, que aparecem como conclusão e resultado deste trabalho, pois sua construção obedece à terminologia da sensibilidade e do estudo teórico.

As crônicas são cadenciadas e construídas seguindo a leitura de três autores e uma autora que são: Carlos Drummond de Andrade (1987), Ítalo Calvino (2003), Clarice Lispector (2005) e Gaston Bachelard (1993). Estes aparecem aqui pela forma de escrever e pela forma de análise sensível do mundo, pois para a construção literária de cada crônica foi desenvolvida uma leitura paralela e atenta partindo de Drummond e Lispector, e para a formação de como lidar com o mundo da metáfora estudo a obra “A Poética do Espaço” de Bachelard e “Cidades Invisíveis” de Calvino, e também as metáforas deste autor e desta autora ditos no primeiro momento, quando discutem um fenômeno da realidade a partir da degustação do real, dos fenômenos que permeiam latente vivido.

As crônicas são materiais de conclusão de um trabalho científico, elas são análises de fenômenos, e também são materiais de análises. A possibilidade de um

encontro do pesquisador com todos os autores ditos neste texto, permitiu o desenvolvimento da idéia de que cada crônica exposta aqui, nasce do cotidiano vivido em pesquisa, do olhar, do sentir e do apreciar o todo que se move constituindo a carne do “ser no mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999) – se o ser é percebido já encarnado no mundo que o envolve, é o interno e o externo a todo instante, pois para se conhecer o mundo que envolve um sujeito, é preciso encontrar este sujeito, pois ele é um fenômeno, nele está o antes, o agora e o depois para a fabricação concreta do mundo, ou da realidade.

Cada crônica é um fenômeno em si, na sua articulação existencial com o mundo, pois elas partem da percepção sensível de um fenômeno de pesquisa, ou um objeto habitado, e é mastigado pela composição teórica, para depois se tornar uma massa digerida, que se consolida como fenômeno do mundo, como possibilidade de encontro entre o concreto e o abstrato.

### **Uma possível conclusão.**

As crônicas como material artístico em pesquisa de psicologia aparecem resumidas na brilhante frase de Lévinas (1993): “A expressão artística reuniria o ser em significação e traria assim a luz original que serviria ao próprio saber científico”. O material artístico se forma quando o autor expressa seu conhecimento de uma coisa através de uma história, de um personagem ou de uma fábula. É pensado que o cotidiano (CERTEAU, 1994), humano é movido por metáforas que consolidam mitos (ELIADE, 2000), e desestruturam outros mitos, estes observados no cotidiano de qualquer comunidade, pois é pensado que a relação de construção do real para o ser humano se dá por um valor subjetivo, imaginário (BACHELARD, 1993) e reflexivo (MERLEAU-PONTY, 1969).

O material de arte é fundamentado pela necessidade de utilizar a metodologia literária artística para a construção sólida de discussões sobre fenômenos que envolvem o objeto de pesquisa, que é a subjetividade em atos reais do cotidiano, como o consumo, a ética e o corpo (MOUSTAKAS, 1961). Na formação de cada material é utilizado o conhecer teórico do autor, as observações em campo e as indagações quando a pessoa que pesquisa permite o encontro sensível (LÉVINAS, 1993), com o objeto vivido.

Vivenciar o objeto é entender um valor de pesquisa de encontro (BUBER, 2004), quando o que se é pesquisado, é observado não só no campo (fora), mas na

vivência do próprio autor. A metodologia metafórica tem a capacidade inteira de encontrar-se com o objeto, busca desenhar a realidade de uma forma onde o que se escreve habita (MERLEAU-PONTY, 1969) o todo vivido, reconhecendo movimentos imaginários que consolidam ações que constroem o cotidiano.

A formação do material em arte respeita um movimento em espiral, inicia-se com o encontro com o campo (estágios e cotidiano), descrevendo e lidando com a experiência vivida (MERLEAU-PONTY, 1969). Em cada instante observa-se o fenômeno para, em seguida, buscar na literatura dizeres sobre o que era possível ser vivido; para que depois fosse possível construir algo em relação ao fenômeno vivido quando se habita o objeto de pesquisa; após o desenvolvimento do material, volta-se ao campo para evidenciar o que foi feito. Sendo assim, a construção de cada partícula de arte é um movimento espiral fechado, pois cada fenômeno estético respeita sua obra (LÉVINAS, 1993).

O movimento espiral e a obra são dois termos que confabulam na identidade construtiva de cada material, pois é neste movimento espiral que se entende a construção da identidade. O movimento espiral representa aquilo que cresce voltando sempre para a sua origem. E o termo Obra, encontrado em Lévinas (1993) aparece sendo aquilo que é construído através da formação de significados pelo ato sensível quando a construção eu-mundo (LÉVINAS, 1993), se faz pela sensibilidade, para assim construir a noção de significados para o mundo, sendo o diálogo entre paixão-cultura.

O objetivo de cada material artístico é instigar discussões em relação a cada tema exposto aqui, pois quando alguém lê exige-se que a exposição se dê por valores latentes e explícitos, sendo assim se reconhece muitos dizeres em cada símbolo, permitindo aguçar o entender de quem lê, se evoluindo com o tema discutido, pois quem escreve é um alguém do cotidiano, que se debruçou em sentidos (LÉVINAS, 1993). São dizeres de dentro e de fora, e de fora para dentro, sobre as coisas do mundo.

Na construção da narrativa artística, que funciona como um movimento em espiral e busca na teoria conceitos sobre o conhecimento do ambiente, junto ao encontro cotidiano do pesquisador com o mesmo, utilizado autor de vários segmentos da ciência humana (filosofia, psicologia, sociologia e antropologia), detalhados no desenvolvimento deste estudo, pois são elementos teóricos que expressam a complexidade do viver ambiental para pessoa.

No momento em que é escrita a metodologia é falado sobre o porém dos estágios, estes que formam uma base de três pés para a construção do estudo, o primeiro

é o trabalho em cada estágio, outro são as discussões teóricas e o outro é o encontro pesquisador e objeto estudado. Os estágios aparecem como peça fundamental, pois é da vivência em campo que se formula todo o caminhar do estudo, sendo assim o todo aqui depende do campo, do seu caminhar.

A arte permite o conhecimento do objeto habitado, quando é demonstrado os resultados e as discussões em relação ao objeto estudado na pesquisa e nos estágios, e na própria apresentação do material, pois este permite na sua autenticidade de análise, expor uma pessoa que tem a sua vivência subjetiva com o ambiente, pois a construção do encontro (BUBER, 2004) reconhece que o que se vê (MERLEAU-PONTY, 1969) está no ser que se permite viver. A arte torna-se uma espécie de material de resultado, já discutido de pesquisa, e também um material a ser pesquisado, pois expressa a vivência de um alguém com o ambiente e do próprio ambiente em si. A partir de um olhar tomado de empréstimo a Buber, o ambiente aparece reconhecido como um TU, ou seja, provido de um simbolismo e uma vitalidade que, por um lado, não pode ser simplesmente “descrita”, pois isso solaparia as bases da sua sustentabilidade, que começa na imaginação e não na fruição industrial; por outro lado, também não pode ficar apenas na esfera das boas intenções, pois a idéia de que o ambiente é idêntico à “natureza”, e de que a natureza é objeto de contemplação, fica muito comprometida diante dos desdobramentos da ciência, da técnica e mesmo da construção do imaginário moderno, na sua cidade ideal – seja ela Nova Iorque, Tóquio, São Paulo ou Pequim.

O método Heurístico traz na sua natureza a necessidade da produção de um material de arte, pois é na arte que encontramos a construção da subjetividade, esta construída pela categoria da sensibilidade, pois representa a construção da pessoa no mundo a partir do imaginário e do encontro com as coisas de fora. O material em arte é um instrumento de pesquisa e resultado de pesquisa, pois a construção de cada material respeitou o encontro com o objeto de pesquisa através da arte (plástica, dança e teatro), e do diálogo, vivenciando o ato sensível para a formação da realidade, representando subjetividade.

## **Referências.**

ANDRADE, C. D. de. *Moça deitada na grama*. Rio de Janeiro: Record. 1987.

BACHELARD, G. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 5ª. Ed, 1993.

- BUBER, M. *EU e TU*. São Paulo: Centauro Editora, 8ª. ed, 2004.
- CALVINO, I. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- CERTEAU, de M. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Rio de Janeiro: editora Vozes, 6ª.ed, 1994.
- ELIADE, M. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 5ª ed, 2000.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 12ª. ed, 2005.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editira Vozes, 1975, 29ª
- FURLAN, R. *A noção de “comportamento” da filosofia de Merleau-Ponty*. *Estud, pscol.* (Natal), jul/dez, vol.5, n.2, p 383-400.
- FURLAN, R. e BOCCHI, J. *O Corpo como Expressão e Linguagem em Merleau-Ponty. Estudos de psicologia*, out. 2003, p. 445-450.
- GUATTARI, F. *As Três Ecologias*. São Paulo: Papirus, 4ª.ed, 1993.
- LEFF, H. *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez, 2001.
- LÉVINAS, E. *Humanismo do Outro Homem*. São Paulo: Vozes, 1993.
- LISPECTOR, C. *Água viva*. Rio de janeiro: Rocco,1998.
- MACIEL, J. C. (2004), *A Ciência Psicológica em Primeira Pessoa. O sentido do Método Heurístico de Clark E. Moustakas para a Pesquisa em Psicologia*. Tese de doutorado. Pós-graduação em Psicologia. Orientação de Vera Engler Cury. Campinas: Pontificia Universidade Católica de Campinas.
- MERLEAU-PONTY, M. *Humanismo e Terror: sobre o problema do comunismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968
- MERLEAU-PONTY, M. *O Olho e O Espírito*. Rio de Janeiro: Grifo, 1969.
- MOSER, G. *A Psicologia Ambiental: competência e contornos de uma disciplina. Comentários a partir das contribuições. Psicol. USP.*, São Paulo, v. 16, n. 1-2, 2005.
- MOSER, G. *Examinando a congruência pessoa-ambiente: o principal desafio para a Psicologia Ambiental. Estud. psicol. (Natal).*, Natal, v. 8, n. 2, 2003.
- MOUSTAKAS, C. E. (1961) *Loneliness*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- PEIRANO, M. G. S. *Alteridade em contexto: Antropologia como ciência*. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1999.